



Recebido em:  
05/07/2017  
Aprovado em:  
18/07/2017  
Editor Respo.: Veleida  
Anahi  
Bernard Charlort  
Método de Avaliação:  
Double Blind Review  
E-ISSN:1982-3657  
Doi:

## ENTRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SENTIDOS E SIGNIFICADOS: CONCEITOS CONVERGENTES PARA LEITURA DE MUNDO

MILIANE DE LEMOS VIEIRA  
TASSIO SIMÕES CARDOSO

EIXO: 12. PSICOLOGIA, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E PSICOSSOCIAIS

### RESUMO

Este artigo explora a Teoria das Representações Sociais trazida por Serge Moscovici e as convergências conceituais desta com o campo de Significados e Sentidos trazidos por Lev Vigotiski, articulando-os com o processo de leitura de mundo. Entendendo que o sujeito está imerso em símbolos culturais e representações e situado historicamente em um mundo de linguagem, a realidade em que está situado passa a ser apreendida por ele de diversas formas, tornando-se leitor deste espaço social. Desta forma pretendemos minimizar, por meio deste estudo bibliográfico, a dualidade entre indivíduo e sociedade entendendo que há fatores que estruturam o universo social, sem negar a participação subjetiva, bem como referendar a importância desse estudo no campo da educação, fortalecendo a política de formação continuada de professores e a qualificação da prática docente, instituições e comunidade.

**Palavras-Chave:** Teoria das representações sociais. Sentidos. Significados.

### ABSTRACT

This article explores the Theory of Social Representations brought by Serge Moscovici and the conceptual convergences of this with the field of Meanings and Senses brought by Lev Vigotiski, articulating them with the process of world reading. Understanding that the subject is immersed in cultural symbols and representations and placed historically in a world of language, the reality in which it is situated becomes apprehended by it in different ways, becoming a reader of this social space. In this way, we intend to minimize, through this bibliographic study, the duality between individual and society, understanding that there are factors that structure the social universe, without denying the subjective participation, as well as to refer the importance of this study in the field of education, strengthening the training policy Teachers and the qualification of teaching practice, institutions and community.

**Keywords:** Theory of social representations. Senses. Meanings.

“Trajetória”

Numa constante busca  
Persigo os sonhos que acumulei  
ao longo do tempo.

E de carona no vento,  
como folha seca no outono,  
deixo-me ser levada.  
Sem rumo certo...  
Apenas admirando a paisagem.  
(...)  
Quero os sonhos que sonhei.  
Os horizontes que pinteí.  
As frases que não pronunciei.  
Os risos que nunca dei.  
As verdades que inventei.  
O mundo que criei...  
Quero a vida.  
Porque viver, é questão de fazê-lo.

Glória Salles

Para adentrar qualquer trajeto argumentativo é especialmente importante partir das concepções que norteiam tais conceitos já que estas nos trazem ideias e visões de mundo sobre o que se pretende analisar. Desta forma concepções distanciadas dificilmente apresentam pontos convergentes servindo para uma abordagem comparativa de análise. Teorias convergentes ou complementares, em contrapartida, possibilitam um fortalecimento e aproximação do fenômeno dentro de um *locus* de compreensão que nos permite refletir sobre o objeto social que se pretende estudar de forma que o conhecimento possa ser percebido dentro de uma perspectiva integrada e passível de ampliação em relação as suas possibilidades e potencialidades.

Para tanto é importante trazer a definição dos conceitos que iremos explorar por diversos autores e para cumprir este intento fizemos uma pesquisa qualitativa por meio de estudo bibliográfico acerca da Teoria das Representações Sociais dentro de alguns marcos históricos e centrando especialmente em Moscovici (1978); Sentidos e Significados Vigotski (2001) e seguidores contemporâneos (VIEIRA,2014;CAVALCANTI,2005) para reunir estes conceitos em torno da leitura de mundo Freire (1985). A partir destas convergências conceituais o estudo pretende trazer a reflexão acerca da importância do educador se aproximar das construções feitas pelos sujeitos sobre a realidade, diminuindo a distância do conhecimento representado pelo indivíduo e comunidade do conhecimento científico, repensando o lugar da educação como *locus* de aprendizagem significativo e produtor de sentidos.

O termo 'representação', em significação ampla trazida pelo seu dicionário Ferreira (1975), é caracterizado como um conteúdo concreto que passa pelas vias do sentido, imaginação, memória ou pensamento para ser apreendido sendo, portanto, uma reprodução daquilo que se pensa. Este mesmo autor conceitua o termo 'social' como o que diz respeito a sociedade, ou ainda, que tem tendência para viver em sociedade.

Dentro desta compreensão trazida de uma maneira geral a representação social está pois, relacionada a vertente da epistemologia já que o conhecimento aparece como o principal fator explicativo sobre as representações sociais. Desta forma vincula-se ao estruturalismo de Levi-Strauss e arqueologia Foucaultiana que antecedem o construtivismo e suas bases;

Durkheim (*apud* MOSCOVICI, 1978) foi o primeiro teórico a trazer o conceito de "representação coletiva"[1]. O autor propõe uma teorização a respeito do que vem a ser o pensamento social, diferenciando-o do individual. Para este autor, o pensamento produzido no âmbito do indivíduo se restringe a um fenômeno puramente psíquico, embora muito mais amplo do que a atividade cerebral.

Segundo Durkheim (1895) o pensamento social ou consciência coletiva é um sistema determinado com vida própria,

ou seja, é estruturado por um conjunto comum de crenças e sentimentos existentes em uma dada sociedade, sendo capaz de ditar o comportamento de todo o grupo.

Acerca da diferenciação sobre representações individuais e coletivas trazidas por Durkheim, Farr (1995) explica que as ideias do citado autor circunscrevem as representações individuais como objeto de estudo da psicologia, e o das representações coletivas dentro da sociologia. Explica sua interpretação fundamentando que este teórico diferencia os fundamentos que explicavam os fenômenos sociais dos que explicavam os individuais.

Tal discussão Durkheimiana sobre representações coletivas inspirou Moscovici (1978) para um estudo sociológico sobre fenômenos que percebia ser muito individualizados dentro da psicologia retirando da sua análise a sociedade e o contexto cultural. Entretanto, a respeito das representações sociais, Moscovici não divide os campos da sociologia e psicologia como fez o autor que o inspirou, pois para ele esta teoria deve ser encarada como uma interface entre contextos individuais, culturais e sociais. Desta forma inaugura o conceito de Representações Sociais propriamente dito, denominando-o como um conjunto de conceitos, proposições e representações que são fruto das comunicações interpessoais e equivalentes aos mitos e crenças das sociedades tradicionais.

Trazendo a teoria para um campo mais prático Jodelet (1985) a conceitua como um dispositivo de conhecimento aplicado que fortalece a comunicação e possibilita a compreensão do contexto social, material e ideativo de uma sociedade em que estamos situados. Entende que os grupos sociais formulam e partilham imagens, conceitos e ideias sobre os fenômenos que os cercam. Esse senso comum, ou saber prático, facilita a comunicação e é modelado nas práticas sociais e culturais. Porém, do ponto de vista individual o sujeito elabora cognitivamente as representações sociais a partir dos processos de objetivação e ancoragem.

Para Jodelet (*apud* Sá, 2002) objetivar é materializar a palavra, ou seja, a objetivação consiste em uma operação imaginante e estruturante por meio do qual se dá forma específica ao objeto, materializando-o, é a faculdade que o indivíduo tem de criar imagens daquilo que ele percebe e experiencia. A ancoragem se caracteriza pelo encaixe de elementos ainda desconhecidos em categorias pré-existentes. Neste caso o objeto é integrado cognitivamente em um sistema de pensamento social pré-existente.

Spink (1993) traz a necessidade do entendimento da teoria a partir do seu contexto de produção. Sem negar o seu conteúdo cognitivo compreende que esta parte de fenômenos sociais que precisam ser entendidos dentro de seus símbolos e ideologias circundantes, bem como a comunicação que está sendo utilizada para a veiculação destas.

O autor defende que tais formas de conhecimento que se organizam como representações são elementos cognitivos — imagens, conceitos, categorias, teorias — que são socialmente elaboradas e compartilhadas, de forma que corroboram para a construção de uma realidade comum, favorecendo, desta forma a comunicação coletiva.

Ao trazer a representação social para o entendimento de símbolos compartilhados e pactuados socialmente a teoria adquire o cunho de significado, como trazido por Vigotski (2001).

Para o autor o significado possui uma conceituação estável, direta e precisa, já que parte da premissa que estes derivam de signos existentes em uma cultura e representado dentro de um acordo coletivo. Defende que por meio da linguagem trazemos elementos que no momento estão ausentes, sendo apenas representados pela fala para favorecer o processo de comunicação.

Vieira (2014) expõe que o sujeito precisa se apropriar da linguagem existente em sua cultura para relacionar-se e sobreviver. A autora defende que a linguagem é anterior ao sujeito e que vai sendo apresentada a este pelo grupo do qual faz parte de forma interativa, devendo este apropriar-se deste universo linguístico. Complementa, entretanto que não há significados que não passem pelos sentidos particulares do sujeito e para isso retoma o conceito de 'sentidos' trazido dentro da teoria Vigotskiana em que o autor destaca que os significados fazem parte da Zona de sentidos, sendo esta mais ampla, mas que abarca os conceitos comuns e partilhados coletivamente.

Para explicar melhor estas definições, suas particularidades e aproximações, discorreremos sobre estas dimensões de forma mais detalhada nos tópicos seguintes.

## **Das Dimensões Sociais**

A concepção de cultura e coletividade estão muito próximas na teoria das Representações Sociais e na Teoria Vigotskiana já que ambas se debruçam sobre a natureza do conhecimento e entendem o sujeito cognoscente como situado em uma cultura que por sua vez tem natureza histórica, com suas representações construídas, compartilhadas e em constante processo de propagação por meio da ação comunicada.

Sobre a Teoria das Representações Sociais Spink (1993) acentua seu caráter transdisciplinar já que estabelece interfaces entre diversos saberes e campos de conhecimento como a história, sociologia, psicologia, filosofia, educação e antropologia.

Sperber (1989) enfatiza dentro desta teoria seus elementos coletivos e destaca o papel da comunicação na formação social, em que a repetição e distribuição de significados acontecem de forma a propagar conceitos circunscrevendo representações culturais, o que vincularia tal teoria ao estudo da antropologia. Acrescenta a psicologia como responsável

Por tal estudo em seu conteúdo propriamente dito reconhecendo e analisando o processo de elaboração das representações.

Com a criação da referida Teoria e sua delimitação em estruturas estruturadas e estruturas estruturantes Moscovici (1978) reconhece sua abordagem como ancorada entre as perspectivas construtivistas. Como campo socialmente estruturado entendemos as características mais estáveis da construção desta representação estruturadas por elementos de curto e longo alcances históricos, ou seja, uma verdadeira teia de significados que se configura como o imaginário social de determinado grupo. Campos socialmente estruturantes, diz respeito a condições mais dinâmicas, flexíveis e processuais da representação, como aspectos que são percebidos e construídos pelo sujeito e seu grupo em um caráter mais fluido.

As aproximações conceituais entre Moscovici e Vigotski são amparadas por convergências existentes entre formas de compreender o homem e a sociedade. O primeiro compreende que o sujeito e o objeto estão dentro de uma relação dinâmica e por não estão desconectados, além disso situa a representação social como uma “preparação para a ação” o que caracteriza a materialidade do pensamento, pois que a realidade é relatada por meio dos relatos que podem assumir diferentes formas: dos mais acadêmicos aos mais informais.

Vigotski (*apud* Vieira, 2014) foi influenciado pelo materialismo histórico e dialético de Karl Marx. Da obra de seu inspirador Vigotski abstraiu conceitos sociais, materiais e históricos que fundamentou parte de seus pensamentos. Sobre esta perspectiva Vieira expõe:

Para Marx (2007), o conjunto dessas relações de produção constitui a base econômica da sociedade. O que Vigotski (2001) se referencia a partir dessa teoria é a questão histórica que atravessa o homem, pois que este nasce em uma determinada época que contém todas as outras. O presente é composto de todo o passado que o sucedeu e a cultura é formada por infinitos elementos que representam toda essa sucessão, desde artefatos até a própria linguagem e seus signos, sendo o homem um ser histórico, afetado pela cultura a que pertence e capaz de transformá-la.

Esse autor trata da relação dialética entre sujeito e objeto numa ação de transformação, em que estabelece a perspectiva da relação de linguagem, ou ainda uma relação semiótica, uma vez que se dá na cultura e pelos signos produzidos pelas interações sociais. (Vieira, 2014, p.26)

Cavalcanti (2005) analisa a concepção acerca de linguagem trazida pelo autor interacionista e conclui eu para este o nosso recurso comunicativo não pode ser verificado de forma real ou literal. Sobre isto expõe que todos os fenômenos existentes são representados pelo sujeito a partir da apresentação que foi dada a este por todos aqueles com quem convive ou que o sucedeu. Situa o conhecimento em um processo social e histórico, sendo as representações formadas por esta via relacional. Relata que inicialmente os objetos são apreendidos por sinais, que são imagens sensoriais, passando por uma generalização até uma abstração, momento que o sujeito consegue diferenciar os

atributos do que está em processo de aprendizagem. Desta forma a imagem deve ser representada por um signo que é repleto de significações sociais e culturais. Conclui que o objeto é tanto uma função – presentificar o que está ausente – quanto o objeto em si, por isso a palavra indica e representa o objeto.

Para Vigotski (2001) pensamento e linguagem passam a ser entrelaçados por volta dos dois anos de idade quando a criança já pensa por meio de palavras e não apenas imagens e quando a memória começa a ter sua função mais organizada. Isso é particularmente importante para entender, à luz da psicologia, como os fenômenos são estruturados, processados e representados. Ao entender que palavras tem significados e sevem para comunicar algo, as crianças inferem a função simbólica da linguagem. Aos poucos o menino ou menina passa a ter o que o autor denomina de “discurso interior”, ou seja passa a formular hipóteses, comparar, relacionar, representar.

Desta forma podemos constatar com trazido por Vieira (2014) que as apropriações do sujeito estão em um espaço de linguagem em que este convive, sendo portanto conceitos apresentados pelo seu meio social. O sujeito, por sua vez, não é passivo quanto aos conceitos que recebe, ele interage com estes formulando suas próprias construções, mesmo que algumas o perpassem sem que ele perceba conscientemente.

Os autores apresentados guardam aproximações conceptuais tanto pela aproximação do que apresentam enquanto conhecimento situado dentro de um *locus* social, quanto a definição de seu caráter dinâmico e perpassado e transformado pelo sujeito social, ator e transformador. Portanto, não há uma sobreposição do coletivo para o individual, ou vice-versa. Cabe apenas o entendimento que o processamento de qualquer conteúdo perpassa os dois campos e para isso é necessário entender a dimensão subjetiva dentro destes construtos apresentados.

### **Das Dimensões do Sujeito**

Situado em um espaço social, histórico e cultural, o sujeito tem a representação enquanto condição intrínseca de ser e estar no mundo, criando, produzindo e convivendo.

Tal sujeito não é apenas determinado pelo meio, sendo um produto dele, nem tampouco é produtor independente, alheio ao seu entorno e sem as marcas sociais que o constituem. As representações fazem parte de um contexto em que surgem e circulam significados que são construídos coletivamente e sentidos individualmente.

Jodelet (1989a) destaca que o individual e o coletivo pertencem a todas as ciências humanas e fazem parte da Teoria das Representações Sociais. Pontua que, o posicionamento sobre a relação indivíduo- sociedade, que foge tanto ao determinismo social — onde o homem é produto da sociedade — quanto ao voluntarismo puro, que vê o sujeito como livre agente. Busca um posicionamento mais integrador que, embora situando o homem no processo histórico, abre lugar para as forças criativas da subjetividade. Em segundo lugar, ao abrir espaço para a subjetividade, traz para o centro da discussão a questão do afeto: as representações não são, assim, meras expressões cognitivas; são permeadas, também, pelo afeto.

Sperber (1989) introduz a questão do nível de análise, buscando as especificidades da teoria no campo da Psicologia e da Antropologia, tentando delimitar as zonas de compreensão do objeto. Divide ainda as esferas de atuação da psicologia cognitiva e psicanálise com a da psicologia social. Situa que enquanto eventos intra-individuais, como representações mentais o estudo cabe a Psicologia Cognitiva e Psicanálise, sendo neste caso o social uma sombra, enquanto as Representações Coletivas ,como elementos centrais da comunicação, situam-se como objeto de análise da Psicologia Social;

Vigotski (2001), define que o pensamento humano é mediado pela linguagem. A partir de seu estudo sobre as funções mentais superiores , a memória, o pensamento e a linguagem são compostos por signos, podendo ser representados pelo sujeito, mesmo que distante da presença do objeto. Observa que é inerente ao humano o símbolo, nomeação e representação das coisas e isso envolve também os sentidos particulares atribuído pelo sujeito ao que está sendo apreendido, para além dos significados culturais que o mundo apresenta a ele.

Vieira (2014) acrescenta que esses sentidos oriundos da subjetividade do indivíduo coexistem com o significado geral atribuído pela cultura, mas a este são acrescidas características individuais, portanto diferenciadas entre um sujeito e outro.

Assim, as representações, significados e sentidos são formas de explicar como o sujeito e a sociedade formulam imagens e teorias que traduzem formas de se perceber e perceber o entorno. Características iminentes ao mundo de linguagem, de interações, construções, produção e comunicação necessários a convivência e sobrevivência humana.

### **Leitura de mundo**

Por seu próprio caráter de agregar um conhecimento pertencente a diversas áreas de estudo e atuação a Teoria das Representações Sociais constitui-se enquanto um campo de estudo transdisciplinar, o que favorece a superação da dicotomia entre indivíduo e sociedade.

Fuller (1988), faz uma distinção dos campos de atuação trazendo os termos psicologismo e sociologismo, cabendo ao primeiro avaliação do estado mental que o produtor traz para o processo de conhecimento, e o segundo a avaliação das conseqüências do processo de conhecimento, ou seja o produtos deste. Entretanto, a psicologia social busca superar esta dicotomia situando o estudo das produções mentais do indivíduo em um determinado segmento social, entendendo que suas produções mentais são resultantes de seu processo de socialização.

Moscovici (1978) entende que teoria possui esta dupla dimensão – indivíduo e sociedade, pois para o autor no cotidiano as representações são naturalmente apreendidas dentro das relações estabelecidas entre o sujeito e o grupo do qual faz parte. Afirma que não existe separação entre o externo e o interno para o sujeito, visto que, ao representar algo não o faz de maneira passiva, há uma reconstrução e uma devolução ao coletivo desta representação já organizada também com seus aspectos particulares propagando elementos diferenciados que adentram a realidade de seu grupo.

Como podemos observar Moscovici (1978) compreende que na teoria das representações sociais tanto o produto quanto o processo de uma atividade mental , seja por um indivíduo ou um grupo devem ser considerados, sendo o produto o conteúdo das representações que se conecta ao senso comum apoiando todos que fazem parte de uma determinada realidade a interpretar o mundo orientando a comunicação de todos.

Maia (1997), explica que Moscovici apresenta a existência de um conhecimento de senso comum, conhecimento este que possibilita entender diversas práticas. Desta forma promove, como preconizado por Vigotski (2001), Freire (1985) e seguidores, uma percepção da leitura de mundo de um indivíduo e seu grupo social.

A leitura de mundo foi trazida por Freire (1985) com sua celebre frase de que a leitura de mundo precede a leitura da palavra em uma palestra conferida na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura. O autor pontua, em seus estudos, que a criança não aprende a ler apenas na época da escolarização e por meio do sistema de escrita alfabética, mas antes disso existem símbolos e um mundo letrado no qual a criança interage com diversos signos, noções, formas de ver e vivenciar a realidade que situa todos os sujeitos em um mundo de linguagem.

Para Freire o ato de ler envolve um sujeito que pensa, reflete e transforma a realidade. A leitura formal é instrumentalizada e aprendida após a leitura do contexto, visto que as palavras estão no mundo, representando a realidade e facilitando a comunicação, ações e manifestações humanas.

Essa compreensão aparece na Teoria das Representações Sociais e também na obra de Vigotski. Na primeira há a validação do senso comum, sendo uma proposta científica de validação da leitura de conhecimento deste, preocupando-se, por isso, com as representações formadas e seus processos e influência no âmbito social.

Também se preocupa com a construção das representações e da incorporação do que é novo nestes universos consensuais. Para isso ele faz uso de dois preciosos conceitos: a ancoragem e a objetivação. A objetivação é trazida pelo autor como o processo que dá concretude a um determinado conceito, em outras palavras, o conceito passa a ter uma existência, uma imagem, uma materialização. A ancoragem é concebida como um processo de integração cognitiva de um objeto que cria âncora em um pensamento ou crenças já construídas anteriormente que servem como estrutura ou base de acomodação dos atributos representativo deste novo objeto.

Partindo da Representação como uma teoria do senso comum, Moscovici (1978) compreende a importância dos grupos criarem uma linguagem coletiva que contém uma lógica particular, com valores e conceitos que buscam uma

comunicação possível, dentro de princípios, regras e condutas possíveis e consensuadas em um espaço comum.

A flexibilidade e permeabilidade dentro da teoria aproxima da análise do discurso de Wittgenstein (1953) que relaciona linguagem e ação propondo estruturas discursivas mais estáveis e mais dinâmicas que podem ser analisadas. Desta forma, longe de ser uma abordagem estagnada, em sua base teórica coexistem elementos mais permanentes e outros mais maleáveis caracterizando a dinamicidade e diversidade de fenômenos. Ou seja, é composta de contextos e traz a complexa formação de elementos históricos de curto e longo alcances.

A complexa relação entre pensamento e linguagem é trazida por Vigotski (2001) quando observa as raízes diferenciadas e que aos poucos vão se encontrando, visto que inicialmente a criança pensa por imagens e sensações, formando aos poucos, por meio das interrelações linguísticas um pensamento pré-linguístico, até que o pensamento torna-se verbal.

A leitura de mundo trazida por Freire (1985) corrobora com as pesquisas e estudos de Vigotski (2001) e Moscovici (1978). Um estudo analítico destes três teóricos nos aponta uma convergência conceitual quanto ao entendimento do sujeito sendo constituído e constituinte de uma sociedade que é cultural e, portanto, submersa pela linguagem com todos os símbolos representativos existentes nela. O sujeito existente neste universo linguístico, antes de ser um sujeito passivo é um ser pensante que reformula, organiza e reestrutura sua realidade e seu entorno. Sujeito de linguagem e cognoscente que representa, estrutura e percebe sua realidade social.

### **Considerações acerca da importância deste estudo em educação**

As teorias e conceitos apresentados neste estudo de nada serviriam se ecoassem apenas no campo teórico sobre a construção do pensamento se não adentrasse novamente na prática social e individual do qual foi abstraído. Para isso a educação se configura em um campo extremamente eficaz já que adentra a formação de sujeitos e toda comunidade educacional envolvida. A escolha de referenciais teóricos para estudo e sustentação de uma prática por educadores implica a sustentação de uma posição destes frente a realidade na qual atuam. Assim como os autores que buscamos dialogar e trazer neste texto, entendemos o mundo como algo dinâmico, vivo e passível a releituras de muitos e infinitos universos sociais e psíquicos. A Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e a psicogênese de Vigotski ao considerar o sujeito como construtor e transformador de uma história social que o perpassa assumem uma perspectiva de valorização do sujeito e de seu grupo validando o senso comum como um conhecimento legítimo e capaz de promover transformações sociais e estes, por sua vez adentram o conhecimento científico, aproximando estes dois campos, minimizando a distância entre eles. A linguagem, por meio de suas inúmeras formas de propagação, facilita esta aproximação, sendo a educação um campo extremamente produtivo para este intento.

Dessa forma, entendemos que a representação social permite ao sujeito interpretar o mundo, facilitando a comunicação, orientando as ações e comportamentos e, nesse sentido, temos a ideia de que a prática escolar não está imune a um conhecimento oriundo da interpretação, da comunicação entre os sujeitos. Compartilhamos também da perspectiva de que a prática pedagógica é um espaço em que circulam diferentes representações, que por sua vez, guiam essa prática, e, desconsiderá-las como conhecimento verdadeiro, seria não reconhecer os sujeitos dessa prática como sujeito social/cognitivo/afetivo.

Diante do exposto, faz-se necessário usar do arcabouço teórico da TRS e dos Sentidos e Significados para ampliar a compreensão acerca dos processos de ensino-aprendizagem. Porquanto, buscar compreender e analisar as representações/significados/ sentidos que os estudantes têm sobre a escola, o currículo e o contexto social no qual eles estão inserido é fundamental para o planejamento de práticas pedagógicas mais contextualizadas e problematizadoras. Portanto, acreditamos que práticas de ensino que levem em consideração as leituras de mundo que os estudantes fazem sobre a realidade social são mais libertárias e humanísticas, pois estabelecem pontes entre o saber disciplinar e o senso comum, contribuindo, dessa forma, com uma aprendizagem mais significativa.

Entretanto, entendemos a educação como uma ação participativa que envolve vários sujeitos: o aprendiz, professores, gestores, família e comunidade, estes por sua vez estão situados em um contexto histórico e social, portanto político e institucional que dev ser considerado. Por isso, para fortalecer esses espaços de aprendizagem e diminuir as fronteiras de pensamento entre educador e educando, comunidade e escola, conhecimento científico e conhecimento

comum, urge estabelecer políticas de formação docente, continuada que mobilize estes saberes integrando prática e teoria e desenvolvendo nos educadores a competência de compreender também as suas próprias representações, sentidos e significados, pois, só assim, aproximaremos saberes diferenciados, desenvolveremos leituras e (re)leituras de mundo tornando a aprendizagem mais viva, dinâmica, significativa e contextualizada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, J-C. *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994a.

BERGER, P. & LUCKMANN, T., 1966. *The Social Construction of Reality*. Garden City: Double-day. BIRMAN, J., 1991.

BOURDIEU, P., 1983. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.

CRUSOÉ, N.M. A Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e sua importância para pesquisa em educação. *Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação - Vitória da Conquista*, Ano II, n. 2, p. 105-114, 2004)

CAVALCANTI, Cad. **Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005.

DURKEIM, Emílie. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

EDWARDS, D. & POTTER, J., 1992. *Discursive Psychology*. Londres: Sage. FERREIRA, A. B. H., 1975. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FOUCAULT, M., 1987. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. ICol. Polêmicas do Nosso tempo, Editora Cortez, São Paulo, 1985.

FULLER, S., 1988. *Social Epistemology*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.

GEERZ, C., 1978. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

JODELET, D., 1985. La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: *Psicología Social* (S. Moscovici, org.), pp. 469-494, Barcelona: Paídos.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (Org). *O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SPERBER, D. L'étude anthropologique des représentations. In: *Les Représentations Sociales* (D. Jodelet, org.), pp. 113-130, Paris: Presses Universitaire de France, 1989.

VIEIRA, M.L. *Entre Sentir e Significar: significações de mediação pedagógica entre professoras do Programa de Alfabetização Pacto pela Educação*. Dissertação de Mestrado, UFBA, Faculdade de Educação, 2014.

YIGOTSKY, L. S. **A Construção do Pensamento e Linguagem**. Livraria Martins Fontes Editora LTDA. São Paulo, 2001.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Coleção Os Pensadores, v. XLVI. São Paulo: Abril Cultural, 1953[1975].

[1] O conceito ainda não é o que trazemos enquanto Representação Social, mas é sobre ele que Serge Moscovici se debruça e concebe a TRS propriamente dita.

